

RODRIGO BIBO E CACAU MARQUES

TEOLOGIA E COMUNHÃO

Como o estudo das Escrituras
pode unir os cristãos



Copyright @ 2022, BTBOOKS
1ª edição: 2022

O texto desse livreto foi a transcrição do BTCast 428 publicado em bibo-talk.com. Por isso, o texto está em forma de conversa.

Editor: Rodrigo Bibo

Transcrição: Thaís Rocha

Revisão: Luis Malheiros

Capa: Guilherme Match

Diagramação: Caio Duarte

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

“Não será mais o conhecimento teológico de uma Igreja militante, sempre ameaçada e cercada pelo erro, mas sim o conhecimento teológico de uma Igreja triunfante, livre de disputas e completa em si mesma. Por toda a eternidade ainda será o conhecimento da Igreja de Jesus Cristo, o conhecimento do próprio Deus trino”.

KARL BARTH

SUMÁRIO

6

DEUS, O POVO E A DIVERSIDADE DE PENSAMENTO

14

A IGREJA COMO ESPAÇO PARA DIVERGÊNCIAS

18

A TEOLOGIA NÃO CAIU PRONTA DO CÉU

20

COMO SER UM BOM TEÓLOGO?

24

INDICAÇÕES DE LITERATURA

25

TEOLOGIA E POLÍTICA

30

CONSIDERAÇÕES FINAIS

33

APÊNDICE

36

APÊNDICE II

DEUS, O POVO E A DIVERSIDADE DE PENSAMENTO

— **RODRIGO BIBO:** Como lidar com pensamentos diferentes dos nossos? Como conviver com o diferente? E, dentro da igreja, como isso deve nos influenciar? Podemos conviver com quem pensa diferente política e teologicamente de nós?

Parece que, na história da Igreja, vemos a teologia mais separando do que unindo. Temos essa sensação. Será que é isso mesmo? Se eu pego, por exemplo, a Ceia do Senhor... Cara, a Reforma Protestante poderia engrenar melhor, poderia até ser mais forte, se Lutero e Zuínglio sentassem na Dieta de Marburgo¹ e falassem “pensamos da mesma forma acerca da Ceia do Senhor”.

Calvino tentou, Mennon Simons tentou, mas não adiantou. Não deu para unir Lutero e Zuínglio na compreensão da Ceia. Então, Cacao, parece que a teologia mais atrapalha do que ajuda. E aí? Como é que a gente começa a desenrolar esse tema de teologia e comunhão, já que parece que a teologia é uma inimiga da comunhão?

— **CACAU MARQUES:** A gente se acostumou a tratar teologia como um campo de batalha aceitável, transformando debates teológicos em

¹ No dia 3 de outubro de 1529, os Artigos de Marburgo foram assinados por Lutero, Zuínglio e outros oito pregadores. Eles chegaram a um consenso básico em relação a 14 pontos doutrinários, mas não concordaram a respeito “do verdadeiro corpo e sangue de Cristo estarem corporalmente presentes no pão e no vinho” da comunhão.

motivos “justos” para combates. Existe uma certa verdade nisso; a Bíblia não fala de uma comunhão a qualquer custo ou a qualquer preço. Em Gênesis, vemos a desunião causada pelo pecado, separando a humanidade, levando a formas de convivências violentas como Caim e Abel.

Acontece que se cria um esforço humano de unificação, desenvolvido na Torre de Babel, partindo de que todos falassem a mesma língua, um esforço humano para que não se separassem, continuando juntos. Porém, essa unidade, Deus separou, pois ela não estava fundamentada em Deus, estava fundamentada na própria humanidade caída.

Temos, no Éden, a situação da unidade perfeita, né? Essa é a janelinha para a comunhão plena na Terra entre seres humanos. A gente vê, em Jesus Cristo, a glória do Deus Pai. Carregamos uma ideia de como devemos ter comunhão Nele, mas não temos o exemplo de outro humano não-pecador ao lado de Jesus, para a gente entender essa relação.

A janelinha que a gente tem é o Éden. Ali, temos um reconhecimento pleno da identidade, ou melhor, da imagem de Deus que está nos dois. Uma imagem de Deus que só é possível nessa relação. Ela não é possível em termos plenos de indivíduo, ela existe também no indivíduo, mas não se manifesta plenamente de forma individual. Somente na relação compreendemos a imagem de Deus de uma maneira clara, uma vez que temos o Deus que é triuno.

Existe uma semelhança entre o homem e a mulher no Éden que espelha a correspondência trinitária, então correspondem-se homens e Deus nessas semelhanças de relações. As virtudes demonstradas na relação trinitária, como o amor, a honra ao outro, a submissão, a alegria, essas coisas todas que estão na trindade, são virtudes que também estão presentes nas relações humanas; a gente não pode ter amor sem ter o outro.

Então, a relação entre Deus e a humanidade se manifesta de maneira clara na relação homem e mulher ou na relação entre dois seres humanos. Ali, tem um fundamento teológico, foi dada uma palavra de Deus, e eles confiam Nele. A quebra de comunhão acontece quando ocorre a suspeita: eles duvidam da palavra divina, e aí vem o pecado. Perceba uma falha do exercício teológico acontecendo ali, na sombra da árvore conhecimento do bem e do mal. O interessante é que esse conhecimento teológico falho, ele não parte daquilo que Deus disse.

Algumas pessoas tentam encontrar, na fala da mulher para a serpente, alguma falha naquilo que Deus disse, então vão dizer assim: “Olha só, Eva não repetiu igualzinho o que Deus falou, tá faltando alguma coisa ali!”. Ou

vão dizer que a culpa é de Adão: “Adão ouviu isso de Deus e transmitiu errado, não transmitiu completo”.

Eu acho muito problemático todo esse tipo de interpretação, porque faz com o que o pecado anteceda o próprio pecado. É dito que “o pecado não foi comer do fruto, o pecado foi Adão ensinar errado” ou que “o pecado não foi Eva comer do fruto, o pecado foi qualquer outra coisa”. Não importa: entenda que o pecado foi comer o fruto. Temos um problema teológico ali, que não está exatamente em duvidar do que Deus falou. Antes disso, o problema teológico está em duvidar de quem Deus é, porque o que a serpente coloca não é o que Deus não disse ou que não existe Deus. Ela falou que, se Deus disse para não comer do fruto, era porque Ele era invejoso e não os amava – o fundamento da revelação é minado. A serpente sabia que era bem mais eficiente fazer duvidar do amor de Deus do que duvidar do que Deus disse, entendeu?

RB I Não!

CM I Ela não vai combater a fala de Deus. Ela coloca dúvida sobre o que Deus disse. A serpente faz uma citação errada, e a mulher a corrige falando: “Não foi isso. Ele disse que podemos comer de todas as árvores, menos dessa. Se comermos, vamos morrer”, e a serpente responde: “Certamente não morrerás”. Ela praticamente disse que Deus mentiu, ela coloca dúvidas sobre o caráter de Deus.

O amor de Deus precede a própria revelação. Eu não conheço o amor de Deus sem a revelação, mas o amor de Deus existe antes disso. Deus já era amor antes da revelação. Se o amor de Deus precede a revelação, ela não pode ser à parte do amor de Deus, certo?

Então é um contrassenso suspender o amor para fazer teologia. Eu partir da teologia como a motivação para criar divisão... É com base nisso que Tiago vai poder falar: “Olha, gente, pera aí, a sabedoria que vem do alto, ela é, antes de tudo, pura. Depois, ela é pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia, bons frutos, imparcial e sincera”, todas essas questões são questões de relacionamento, elas não são questões de verdade. Obviamente que a sabedoria que vem do alto é verdadeira. Ele é o Pai das Luzes, Ele é o cara que põe luz nas trevas.

A revelação de Deus veio porque Deus nos ama. Se Ele não nos amasse,

para que se revelaria? Ele poderia ficar quieto. Mas ela, a serpente, nas entrelinhas diz: “Quem disse que esse Deus ama? Ele tá dizendo isso porque ele não ama!”. É a partir desse rompimento do relacionamento com Deus que veio o rompimento do nosso relacionamento um com o outro.

Quando a gente vai lá para Babel, existe um esforço de unificação de novo, mas em outra base, e esse esforço, Deus desfaz e separa. Ele separa para que os seres humanos não sejam movidos por um tipo de coração que levaria a um mal pior ainda. Ele separa em povos, povos que nunca vão ter poder absoluto que Babel queria ter.

Cada vez que o povo tenta ter o poder absoluto sobre a Terra, vem outro povo e o vence, Os impérios se sucedem, e nunca existirá um império eterno – se tivesse apenas um povo, teoricamente poderia ser estabelecido um império eterno. Mas, são separados por Deus, não conseguem que esses projetos absolutistas humanos fiquem pra sempre.

Então, isso nos ensina que nem toda unidade estabelecida por humanos é abençoada por Deus. Compreendemos (não exatamente dessa interpretação de Babel) que não adianta estarmos unidos em cima de uma mentira. É desse entendimento que, às vezes, cometemos o exagero de dizer “não vou participar desse debate teológico, pois eu posso ser carnal, eu posso destruir meu irmão, eu posso despedaçá-lo, eu posso perseguir, eu posso buscar o seu silenciamento”. E isso é muito problemático, e o problema não está na fala de que “Deus quer que a gente tenha tolerância com o erro”. Não é isso!

É problemático porque ele parte sempre da ideia de um teólogo (pegando aí, toda pessoa como um teólogo), de que ele está reproduzindo totalmente a fala de Deus. Ele está falando exatamente o que Deus fala. Basicamente, o que eu estou falando, é Deus falando. A Bíblia vai mostrando para a gente que há uma intenção divina de fazer teologia de maneira participativa e diversa.

RB | Uma diversidade legítima?

CM | Uma diversidade legítima, excelente! Não só legítima, como proveitosa, como uma diversidade que revela Deus, e eu tô falando de diversidade dos teólogos, e diversidade das teologias porque a gente vê isso em al-

guns momentos das Escrituras. Por exemplo, lá em Números 27, tem a história das filhas de Zeloфеade.

Olha só, Zeloфеade era um homem que tinha cinco filhas, e ele morreu. A Lei dizia que, quando um homem morria, a sua terra e o seu nome eram transmitidos para os filhos homens, certo? Então, eles herdariam a terra e continuariam passando o nome do pai para os descendentes, semelhante ao que continua acontecendo de certa forma nos nossos dias, né?

O nome da família costumava passar via pai, era assim: se um homem morria, os filhos herdavam a terra, aquela terra ficaria dentro do clã, dentro da família, iria ficar ali e passar para outras gerações. Se casasse com outra família, essa mulher ia carregar o nome do pai dele. O pai dela que tivesse filhos homens para carregar o nome dele.

Mas, Zeloфеade morreu e deixou cinco filhas mulheres, e elas vão a Moisés e dizem o seguinte: “Olha, o nosso pai morreu. Ele não morreu por causa da Revolta de Coré, da rebelião... Ele morreu pelos seus próprios pecados, deixou cinco filhas e acontece que a terra dele não vai passar para a gente. Vai ficar para um irmão dele e vai ser dissolvida em outros clãs e possivelmente vai perder essa terra, e o nome dele vai sumir, sendo que ele não tem nenhuma maneira de fazer isso continuar”.

Moisés vai consultar Deus. Elas estavam questionando um artigo da Lei do Senhor... Olha só, cara, a lei que Deus falou para Moisés! Entendeu? Moisés é o teólogo mais imediato desde Adão, e elas vão até Moisés.

Elas vão até Moisés falar: “Ou, mano, pera aí, e isso aqui?”. Moisés vai consultar Deus, e Deus fala: “Elas estão certas”. Ele diz “quando então acontecer isso, as mulheres vão herdar a terra e o nome. Elas vão se casar com quem quiserem, mas o nome do pai delas é que vai para os filhos delas, assim o nome do pai continuará, e a terra continuará dentro do clã e da família”.

Mas, olha que interessante, essa teologia – foi uma teologia, foi sobre a Palavra de Deus, a Lei era a Palavra de Deus, foi questionada por mulheres diante do teólogo imediato, o cara que ouviu de Deus, e isso nunca teria sido questionado e essa parte nem estaria na Bíblia se não fossem essas mulheres, entendeu?

Então, parece que há um campo dentro da Escritura (isso se repete depois) em que Deus não escolhe aqueles “profetas iluminados” para serem a autoridade absoluta na transmissão da Lei e da interpretação da Lei “e que o resto que se cale”, não! Ele conta com a diversidade, Ele conta com o outro participando. A gente vai para o Novo Testamento, e vemos isso acontecendo algumas vezes, por exemplo, o Concílio de Jerusalém em Atos 15.

Mas, aí você pega essa reunião em Jerusalém, e o entendimento lá evolui por causa do encontro dos discípulos com os gentios convertidos. Como é que isso aconteceu? Ok, em primeiro lugar, você tem Pedro encontrando com Cornélio, beleza? Essa foi a primeira etapa, mas, ao que tudo indica, é que parou por ali. Quando é que esse negócio vai criar um problema?

Acontece uma perseguição em Jerusalém. Os cristãos fogem e vão para Chipre, Cirene e Antioquia. Os cristãos de Chipre vão para Antioquia, chegam lá começam a pregar para os gentios. Os gentios vão para igreja e, ao entrarem nela, cria-se um problema: “a gente vai circuncidar esses caras ou não vai?”. Um problema, ao que tudo indica, para o povo de Jerusalém, porque eles já pregavam em Antioquia. Então, Paulo e Barnabé vão lá ver o que está acontecendo. Pedro vai depois para tentar entender, e, de lá, sai uma comitiva para ir até Jerusalém e, em Jerusalém, vão discutir esse assunto.

Uma coisa interessantíssima é que Lucas, no capítulo em que está falando que, em Antioquia, entraram os gentios na igreja, é o mesmo capítulo no qual fala “em Antioquia, pela primeira vez, eles foram chamados cristãos”. Por que eles foram chamados cristãos em Antioquia e não em Jerusalém? Ele está falando ali de uma nomenclatura, ao que tudo indica, uma nomenclatura de fora, tá? Dos que não são cristãos chamando os cristãos de cristãos.

Por que eles são chamados de cristãos em Antioquia? Porque, até então, quem não era cristão, olhava para o cristão e chamava ele de judeu; todos cristãos eram judeus. O cara não sabia diferenciar um fariseu de um saduceu e não sabia diferenciar um saduceu de um cristão! Era tudo para ele era judeu tanto que, quando o pessoal foi expulso de Roma, os judeus também foram. Foi cristão, judeu... Todos foram expulsos. Lembra da época de Aquila e Priscila em que eles vão embora?

Esses caras não sabiam se diferenciar. Em Antioquia, eles não podiam mais dizer que eram judeus. Então, o vizinho dele que comia bacon no café da manhã não era judeu e estava participando da igreja. “Pera aí, esses caras não são judeus. A gente tem que dar outro nome para eles!”. Foi justamente nessa alteridade, nessa diversidade, que o mundo passou a entender que esses seguiam Cristo e que não eram apenas mais uma corrente do judaísmo.

Então, a gente pensa que vale a pena ter que tregar pela comunhão, sacrificar a comunhão pela verdade, quando a diversidade faz parte da comunhão e da própria teologia. Sem essa diversidade, nós estaríamos enfraquecidos desde o caso das filhas de Zelofeade, no caso dos cristãos em Jerusalém ou até mesmo em Antioquia.

No capítulo 1, Paulo fala assim aos romanos: “Eu quero estar com vocês para compartilhar algum dom com vocês para que sejamos mutualmente consolados. Eu vou compartilhar um dom com vocês, e vocês vão compartilhar um dom comigo”.

Paulo, judeu, apóstolo do Senhor Jesus Cristo, hebreu de hebreu, quanto à Lei fariseu, conhecedor da Lei, o cara que entrava em sinagoga e botava os caras de joelhos. Paulo fala aos os romanos: “Eu vou chegar até vocês, vou compartilhar o dom com vocês, mas vocês também vão compartilhar alguma coisa comigo”. Uma parte desse capítulo, a gente sabe que é di-nheiro, né? Paulo queria também o sustendo deles para obra missionária, já que iria à Espanha.

Mas, compartilhar o dom do consolo não era só isso, era a palavra também, era esse tipo de encontro entre eles. O esforço pela comunhão, de conviver com a divergência, o esforço de ouvir o outro, é um padrão bíblico de construção teológica. Não construímos pensamentos iguais o tempo todo. Portanto, já podemos ler em uma nova perspectiva o que a Bíblia diz sobre “pensem da mesma forma”.

“Pensem da mesma forma”... Sobre o que Paulo está falando se existe essa divergência na comunicação? Quer dizer, o fato de pertencermos a denominações diferentes, que pensam diferente, é carnalidade pura e simples? O “pensem da mesma forma” está sempre atrelado a uma postura de unidade e não necessariamente a “recebam a minha forma de pensar e concordem sem questionar”.

RB | Não é uma caixinha nem uma formatação. Todo mundo pensando igual, tipo assim: “Another Brick in The Wall”², single maravilhoso do Pink Floyd, aliás, o clipe da música é sensacional (*se está lendo essa parte da transcrição e ainda não ouviu esse BTCast, saiba que, sim, o Bibi cantou*).

CM | Essas divergências vão continuar. O que aconteceu? Eles foram para o Concílio de Jerusalém, um lado ganhou e o outro perdeu. Pedro vai visitar os cristãos de Antioquia e tem a orelha puxada por Paulo.

² Another Brick In The Wall é uma faixa do álbum *The Wall*, 1979, da banda de rock inglesa Pink Floyd. Sua letra é usada para refletir sobre temas como sistema educacional, ideologia, autoritarismo e sociedade.

RB I Rapaz, capítulo 2 de Gálatas? Se não me falhe a memória, é forte.

CM I Exatamente, Gálatas 2.

RB I É forte, Brasil!

CM I Pedro tem a orelha puxada por Paulo. E por que ele ganha essa bronca de Paulo? Paulo quer impor sua forma de pensar? É claro que não! Na verdade, Pedro está desprezando a alteridade, estava desprezando os gentios por serem gentios.

RB I Sendo que ele estava com os gentios antes da chegada dos judeus, certo? Pedro sai correndo da mesa e começa a dar uma desprezada na galera, e Paulo fala: “Ô, mano, tu não tá caminhando na verdade!”. Aqui temos o termo *ortopodia*, que representa o caminhar na verdade. Paulo diz: “Pô, cara, tu não tá caminhando na verdade”, e caminhar na verdade não significa pensar da mesma forma, mas é caminhar em um solo comum, que é Cristo.

CM I Exato!

RB I E caminhar em Cristo permite visões diferentes em última análise.

A IGREJA COMO ESPAÇO PARA DIVERGÊNCIAS

— **CACAU MARQUES:** E aí você vê que existe um espaço para divergências dentro da Igreja. Quando Paulo fala “pensem da mesma forma”, ele não fala “adote apenas uma teologia e pronto”, tanto que, em Romanos, ele escreve dizendo assim: “Olha, tem uns que comem de tudo, tem outros que comem só vegetal, tem uns que consideram iguais todos os dias, tem outros que consideram um dia melhor que o outro, então um não despreze o outro, todo mundo faça tudo para a glória de Deus”.

Em Corinto, ele vai ter o mesmo problema e vai tratar do mesmo jeito. Então, não existia uma forma cristã de alimentação? Tem um jeito melhor e um jeito pior, tem um jeito mais maduro, mais forte, e tem um mais fraco. Mas, isso é uma diferença com a qual podemos conviver, existem outras que a gente não pode manter. No mesmo livro de Coríntios, Paulo fala sobre aqueles que negavam a ressurreição.

— **RODRIGO BIBO:** No livro “A Heresia da Ortodoxia”, obra maravilhosa que utilizo em um módulo da EBT¹, Kôstenberger diz que existe uma diversidade legítima e uma diversidade ilegítima, ou seja, a ortodoxia não foi uma invenção da Igreja. Claro que alguém venceu esse debate, e, quando isso acontece, chamamos de ortodoxia.

Eu encontro respaldo nos textos do Novo Testamento que já circulam desde muito cedo na Igreja Cristã. Portanto, na Bíblia, temos uma diversidade LEGÍTIMA. Por exemplo, o batismo pelos mortos da carta de Pau-

¹ Escola Bibotalk de Teologia.

lo aos Coríntios. Mano, o que seria esse batismo pelos mortos? É muito engraçado ver a galera tentando explicar. Sim, acho legal, mas é tudo especulação. No fundo, não fazemos ideia do que significa – até onde eu estudei. Não sei se você tem informações mais atualizadas sobre isso. Cacau, é uma parada que Paulo cita, e é isso aí maluco! Ninguém sabe direito o que é essa parada aí, né?² Mas, qual é o ponto aqui? Paulo não repreende. Ele usa, inclusive, como argumento para falar da ressurreição, então existe uma diversidade legítima ali. A própria pneumatologia³ lucana que tem ênfases distintas da paulina, enfim.

Mas, tem uma diversidade que já no Novo Testamento é ilegítima. Por exemplo, os judaizantes, a galera que quer circuncidar os gentios, usando a Lei de Moisés como se fosse Cristo e um plus, o que já é uma diversidade ilegítima no Novo Testamento.

CM I E, de certa forma, essa diversidade, especificamente na questão dos judaizantes, é justamente uma maneira de romper com a diversidade legítima. Por que eles são judaizantes e não “moisészantes” ou coisa do tipo? Porque eles queriam fazer do gentio um judeu, queriam submeter o gentio a ser um judeu e não a ser um cristão. Quando Paulo vai falar desse tipo de coisa, da circuncisão do coração, por exemplo, ele tá dizendo: “Não, pera aí, a gente tá no fundamento que é Cristo, não em outro fundamento, não no fundamento da cultura e tal”.

Entenda: Cristo é o fundamento. Miroslav Volf fala uma coisa parecida nesse caminho, que, quando Cristo é o fundamento, abre-se um campo enorme de diversidade, entendeu? Porque, se Cristo é o fundamento, o fundamento não é a música que a gente ouve, então você pode ser sertanejo e eu posso ser roqueiro, sabe? Porque Cristo é o fundamento. Se você disser “não, o crente tem que ser sertanejo”, você não tá dizendo que Cristo é o fundamento. Ocorre que o fundamento é Cristo e o sertanejo.

2 Tem um vídeo do pastor e teólogo Guilherme Nunes que é muito bom. Ele levanta uma possibilidade, mas ainda assim, é apenas uma possibilidade. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=zPzO-apo29kU>> Acesso dia 19 de Jan de 2022.

3 Doutrina do Espírito Santo

RB I Isso é tão maravilhoso! E, se você é esperto, já tá pegando. Qualquer doutrina dita cristã que te impõe um uso, um costume, alguma coisa que você tem que usar na cabeça ou algum político, comente um erro!

CM I É obvio que as comunidades locais e até comunidades mais amplas do que só locais possuem certos traços de identidade, certas práticas que são historicamente construídas... Vai ter um monte de questões sobre isso.

O maior exemplo para a gente entender um pouco sobre isso são as igrejas negras dos Estados Unidos. Não é só uma comunidade local, é toda uma rede de igrejas que tem uma identidade além da identidade de Jesus Cristo. Porém, nenhuma igreja negra pode dizer: "Brancos não são cristãos". Entendeu? Eles sabem: "Isso aqui é a maneira da gente ser cristão! Há várias maneiras legítimas de ser cristão. Uma maneira ilegítima de ser cristão: racismo!". Eles podem dizer isso, mas eles não podem dizer: "Uma maneira ilegítima de ser cristão: ser branco". Eles não podem, entendeu?

RB I Tu já foste lá para as igrejas... Legal seu exemplo, mas vê se tu concorda comigo, com o exemplo que eu vou trazer aqui, que é comum no Brasil, aliás no mundo inteiro: usos e costumes. Eu sei que é uma questão forte no fundamentalismo americano e que respingou forte aqui também. Temos igrejas com usos e costumes que são realmente bem identitários! Por exemplo, eu pertenci a um movimento e, na época que entrei no movimento pentecostal, não era só uma questão de identidade, era um fato: o crente se veste assim! Isso passa a ser um problema, quando o uso e o costume de uma denominação caracterizam o que é ser um cristão.

O movimento amadureceu, mas, antes de sair ainda ouvia: "Não, gente, as irmãs da Quadrangular usam calça e tudo bem, nós, da Assembleia, não usamos calça", mas, cara, quando eu cheguei na igreja, em 1999, em Joinville - SC, era uma parada identitária muito forte.

Não, o crente veste assim, a mulher cristã se veste assim. O homem cristão se veste assim. Isso é extremamente problemático, porque o Cristo já não é mais o fundamento da unidade, mas um aspecto teológico sem fundamento escriturístico.

CM I

É daí que vem a questão de que existem implicações usuais... Não sei se a palavra é boa, existem implicações usuais da doutrina bíblica? Acho que sim. Por exemplo, me parece bem claro, lendo a Escritura toda, que o padrão da Bíblia não é a poligamia, é a monogamia. Vemos, em Gênesis, “serão os dois uma só carne”, e a gente vê como isso é aplicado às vezes de maneira mais direta e, em outros momentos, é feito uma vista grossa.

Isso torna um padrão frequente em toda a Escritura e mostra como é o ideal. É uma questão usual, uma questão de comportamento, mas é uma questão que me parece ser fundamentada numa tradição bíblica bem antiga, na própria revelação. Outras não são, e aí como é que vamos entender a diferença? O exemplo que você dá, dos usos e costumes, é um bom exemplo por causa disso.

Há legitimidade em grupos cristãos decidirem agir de uma certa forma, mas, quando eles fazem disso a última instância e fazem disso o que separa um crente de um não crente, tem um problema muito sério, e você tá criando outra categoria de pertencimento. A grande treta é diferenciar uma coisa da outra, porque você pode suportar uma visão de usos e costumes a partir de um texto bíblico. A questão é: se aplica ou não se aplica aos nossos tempos?

Existe uma verdade bíblica, existe a verdade de Deus e, se eu não tenho o diverso, não tenho o outro e, se eu não tenho a alteridade, eu vou confundir a maneira de Deus falar com a maneira que eu vivo minha vida.

Um amigo nosso disse uma coisa esses dias – e não vou falar o nome porque não sei se ele permite – sobre a cultura da igreja e a cultura do mundo na igreja. Ele disse assim: “Eu acho engraçado que ninguém nunca questiona a cultura branca americana que se reproduz em todas as igrejas do Brasil”. Essa cultura não é bíblica, mas é apenas uma expressão cultural legítima de um povo em seu momento histórico. Se você não tem o outro, se não tem o cara que é diferente, não consegue enxergar nenhum respaldo bíblico e dirá: “Desde o tempo do apóstolo Paulo, pastores só podem pregar usando terno”. Entendeu?

Então, por incrível que pareça, a divergência teológica, eclesiológica e litúrgica é algo que me aproxima da Bíblia. Essa divergência não me afasta da Bíblia! Ela ajuda a purificar minha visão da Escritura, dos meus próprios conceitos e preconceitos pré-bíblicos. Isso é seríssimo: pois aprendemos a reproduzir formas culturais e não a reproduzir o caráter de Cristo.

A TEOLOGIA NÃO CAIU PRONTA DO CÉU

— **RODRIGO BIBO:** Cacau, eu estava pensando aqui, seria muito bom se tivesse uma teologia que caísse pronta do céu, né? Mas não temos! Não temos uma teologia que caiu do céu e nem todas as passagens bíblicas explicadas pelo próprio Jesus. Pô, Jesus explicou só duas parábolas, mano, parábola do semeador e a parábola do joio e do trigo. O resto, ele deixou para a galera e para o Tim Keller.

— **CACAU MARQUES:** Para o Joachim Jeremias e Kenneth E. Bailey.

RB | Justamente, e o Klyne Snodgrass, de quem gostamos também. Brincadeiras à parte, é fato que não existe uma teologia pronta, e eu vejo muito isso no mundo cristão. A galera diz: “Isso não tem fundamento bíblico. Qual a base bíblica disso?”, e é uma preocupação bacana. Mas, não temos tanta maturidade teológica para entender que, às vezes, não acho base bíblica, mas também não estou ferindo nenhum princípio da Bíblia – isso que é importante. Outra coisa muito importante é ter maturidade diante de posições diferentes das minha, que também podem ter base bíblica.

Queremos nos agarrar a alguma coisa e queremos que isso seja A VERDADE. Não estamos prontos para entender que, às vezes, ela não é A VERDADE, ela é verdadeira, mas não é A VERDADE. Nenhuma teologia consegue encapsular DEUS.

Vocês tão dizendo que tem diversidade na Bíblia? Então, vocês estão dizendo que a Bíblia se contradiz? Vocês tão dizendo que, na Bíblia, tem erro? Sabe, é o tipo de coisa que as pessoas ficam meio desesperadas,

porque queremos uma doutrina única, universal. É o que acaba tornando atraente Roma, por exemplo, e a Teologia Católica. Criamos um ideal de que a Igreja Católica é monolítica... Não, gente! A própria Igreja Católica tem diversidade teológica, e Roma faz vista grossa para algumas e até aceita essa diversidade.

CM I A diversidade teológica católica não só é um fato como é também um aspecto natural com o qual o próprio catolicismo precisa lidar. Não pense que o Papa tem que decidir cada aspecto de tudo, existem coisas que eles aceitam. Isso existe até em nossas igrejas locais, mas não queremos cavar. A Igreja Católica tem uma série de expressões diferentes, mas são tomadas como legítimas. Existe, dentro da Igreja Católica, movimentos intolerantes no sentido de possuírem o monolito. Existe, dentro da Igreja Católica, gente que vai olhar e falar: "Isso não é ser católico!".

COMO SER UM BOM TEÓLOGO?

— **CACAU MARQUES:** Sempre teremos divergências. A questão é buscar a legitimidade, que só pode ser encontrada no diálogo que começa com amor.

Deus nos ensina a julgar a sabedoria de alguém, não só se aquilo é verdade ou não de acordo com a Bíblia, mas se é pacífico, amável, compreensível, cheio de misericórdia, bons frutos, imparcial e sincero, entendeu? É assim que fazemos teologia. Precisamos ter um ouvido pronto para ouvir o outro nos termos do outro. Nós falamos isso no podcast sexualidade¹: na teologia, é fundamental ouvir o outro nos termos do outro.

Você fez seminário em uma tradição que, no Brasil, é muito mais abrangente que na minha tradição. A minha tradição é mais fundamentalista em vários termos, então eu não sei se você teve a experiência que eu tive de ver teólogos malhados em sala de aula, sendo detonados. Às vezes, nem tanto pelo professor em sala de aula, mas por aqueles autores usados na sala de aula, os autores que eram lidos na sala de aula, e, quando você ia ler o próprio teólogo, percebia que a versão foi uma caricatura superinjusta.

— **RODRIGO BIBO:** Foi aí que você se apaixonou pelo Karl Barth, né? Bateram tanto no Karl Barth que decidiu conhecer de perto. Eu tô ligado...

CM I Eu me apaixonei pelo Karl Barth, quando chegou alguém na faculdade que não bateu nele, mas elogiou. Tô brincando, nem todos batiam no Karl

¹ Sexualidade Simples – BTCast 384: *Rodrigo Bibó, Cacao Marques e Igor Miguel* conversam sobre engajamento cultural da igreja com a sociedade a partir do tema da sexualidade, homoafetividade e disforia de gênero.

Barth, mas foi justamente ver o Karl Barth apanhando dos autores que considerava, e considero até hoje, e, por causa de um erro, não vou jogar a obra do cara fora. Quando vi o Franklin Ferreira, alguém que admiro muito, falando bem do Karl Bath, vi que não era exatamente o jeito que eu aprendi, então fui atrás. Fui abalado por conhecer esses caras? Afastei da fé ou da igreja local? Não, isso só me ajudou a entender de forma profunda o texto bíblico.

Precisamos desenvolver essa postura de audição generosa, justa e saber rebater com mansidão. A mansidão é muito importante. Por quê? Às vezes, achamos que mansidão é só um plus do apologeta. Pensamos que o apologeta tem que ser, antes de tudo, perspicaz, depois, se possível for, manso. Não! A mansidão é uma sabedoria, um domínio próprio que te fará separar o fígado do cérebro. Se você quer ser justo na sua maneira de lidar com a fala de alguém, precisará ser manso. Se não for seu cérebro falando, vai ser seu fígado. Você vai tá tão ávido para despedaçar o outro que vai deixar as minúcias passarem e não será servo da verdade. Você vai ser um servo da vitória. Isso não é importante. O importante é servir a verdade.

RB | Muito bom, cara! Nossa, muito bom!

CM | Tem um conto do Borges² que é sobre isso que a gente tá conversando, se chama “Funes, o Memorioso”. É a história de um cara que não esquecia nada, era incapaz de esquecer, Borges conta que chegou em um ponto em que Funes não conseguia falar com ninguém e não transmitia nenhuma mensagem.

Borges fala: “O Funes lembrava de tudo, chegou ao ponto de não conseguir pensar”. Olha a genialidade do autor, Funes não conseguia pensar por falta de espaço na memória. Ao contrário disso, ele lembrava tudo com tantos detalhes que não conseguia mais fazer generalizações, ou

2 Jorge Luis Borges foi um gênio do conto. Talvez o melhor de todos. Seus textos são joias tanto pelo estilo genial quanto pela profundidade e erudição. Além disso, seus escritos foram influência para muitos escritores e roteiristas que vieram depois dele, de Umberto Eco (que acrescentou em *O Nome da Rosa* um personagem em homenagem ao argentino) ao blockbuster *Matrix*.

seja, quando ele olhava um cachorro e olhava para outro, ele não conseguia chamar os dois cachorros pelo mesmo nome. Ele lembrava tantos detalhes de cada um que as divergências entre eles eram tão claras quanto as coisas que eles tinham em comum. Tudo era tão diferente para Funes que ele não conseguia chamar aquilo de cachorro e não conseguia pensar.

Borges vem com a sacada genial e conclui: “Pensar é ignorar particularidades e assumir generalizações”. Isso é riquíssimo para conseguir lidar com o outro. Quando vou lidar com o pensamento do outro, tenho que pensar que ele está fazendo algumas generalizações, que eu estou fazendo algumas generalizações. E, ao me encontrar com ele, possivelmente, particularidades que nós ignoramos virão à tona, e isso só vai enriquecer nossa maneira de lidar. É importante ignorar particularidades? Sim, sem isso, não pensamos, e tudo vai ser incompreendido. Os textos bíblicos vão ser tão diferentes uns dos outros que a Bíblia não vai ser mais um livro. Tem esse movimento entre a Teologia Bíblica e a Teologia Sistemática, temos uma mais generalista (a TS) e uma mais particularista (a TB), portanto é importante as duas coisas estarem juntas. No debate teológico as particularidades são ricas. Preciso valorizar esse tipo de riqueza no meu convívio com o outro. Bibó, agora vou provocar um pouquinho, tá?

RB I Opa, aí sim, diga.

CM I Por isso, estou tentando ser generoso de antemão até com aqueles que já sei que tem problemas fundamentais na teologia. E por problemas fundamentais que realmente nos separam, sabe?

Eu já sei o fim que vai dar esse meu diálogo. Não é um diálogo como o que estamos fazendo agora. Falo de diálogos com textos e vídeos que já sei o fim que vai dar. Eu começo fingindo que não sei, não para ele, fingindo para mim mesmo. Eu começo abrindo mão bastante desses preconceitos, mas não abro mão das minhas convicções pessoais.

Finjo que não sei e começo dando todo direito para o outro dizer o que ele quer dizer. Sei sobre minhas convicções e crenças e medito como isso se transforma diante do que ele disse e como eu comunicaria, o que eu penso para ele.

Eu quero que a pessoa seja clara comigo, mas eu também quero ser claro com ela. Mas, como eu posso transmitir isso como se fosse um diálogo e não como se fosse uma condenação? É muito comum a gente trazer uma proposta teológica que, na verdade, é uma sentença, igual à Dieta de Worms³. Lutero achou que ele ia chegar lá para expor o que pensava, mas, na verdade, queriam que ele se arrependesse. Continuamos repetindo a mesma coisa.

RB | Porque nós não estamos preocupados com a verdade, mas com a vitória... Cara, maravilhoso, maravilhoso!

CM | É isso! Eu tenho feito esse exercício, eu confesso que há algumas correntes com as quais eu sou mais gracioso do que outras, e só porque eu sou carnal, não é porque uma é melhor do que a outra em termos de argumentação, é porque eu sou carnal e eu ainda não consegui agir de maneira igualitária nesse assunto. Eu continuo firme em minhas convicções, apenas dou direito ao outro de ser quem ele é, porque eu não quero lidar com espantalho, eu não quero lidar com a caricatura.

³ Os sempre crescentes ataques de Lutero contra a Igreja Romana, que chegam a uma primeira culminância na Disputa de Leipzig (1519), levaram a um processo contra Lutero, iniciado após a publicação das 95 teses em 1517. Em 15 de junho de 1520 foi publicada a bula "Exsurge domine". Ela contém uma "admoestação caridosa", o convite para que Lutero abjure no espaço de 60 dias suas doutrinas. Caso Lutero não abjurar no prazo previsto, será excomungado, devendo ser encaminhado a Roma. A Dieta de Worms ocorre no período de 28 de janeiro até 26 de maio de 1521, tendo como resultado final a excomunhão de Lutero.

INDICAÇÕES DE LITERATURA

RODRIGO BIBO: Quero citar alguns livros que me ajudaram a entender a diversidade legítima. “Teologia Sinfônica”, do Vern S. Poythress, é um livro fundamental. James Sawyer, no livro “Introdução à Teologia”, fala que só o evangelho contém a verdade. Outro livro que me ajudou bastante, inclusive tem podcast : “Quatro Visões Sobre o Evangelicalismo”. Ele me ajudou bastante a entender que existe diversidade, não adianta. Quando eu entendi que a minha teologia, ela precisa ser verdadeira, ser um reflexo da verdade, mas ela em si não é a verdade... Cara, isso foi libertador. Ainda que eu discorde do meu irmão em algum ponto teológico, entendo que ele também está subindo a montanha da verdade, ele está do outro lado da montanha. Subimos juntos a montanha da verdade.

TEOLOGIA E POLÍTICA

— **RODRIGO BIBO:** Segundo os autores que citei acima, existem fundamentalistas que vão colocar posição política como critério de cristianismo. Vamos falar brevemente sobre isso. Temos presenciado afirmações de que um cristão não pode ser de esquerda. Inclusive alguns rebatem e falam que cristão não pode ser de direita. Entende aonde quero chegar? E por que é importante termos noção de teologia e comunhão?

— **CACAU MARQUES:** Algumas coisas do que a gente falou ajudam a entender esse fenômeno e a lidar com ele de maneira espiritual, né? Primeiro, se o fundamento é Cristo e não é mais nada, não é o sertanejo e o rock, também não é a política!

RB | Perfeito, ótimo!

CM | Então, é importante você entender que vai congrega com gente que pensa politicamente diferente de você e, olha, faça sempre uma pesquisa. Fica aqui uma recomendação; depois, vou dar recomendações mais práticas. Mas por hora já recomendo: faça uma pesquisa sobre os princípios que você considera inegociáveis em uma política cristã, faça uma pesquisa, quando é que isso se tornou inegociável? Faça essa pesquisa. Você vai perceber que nem sempre foi pensado desse jeito, houve uma apropriação política desse princípio. Mesmo que ele seja legítimo, o jeito de agir com ele nem sempre é legítimo, entende? O que você considera inegociável do ponto de vista de um cristão em relação à política... Dá uma estudadinha de como isso se tornou um ponto chave para o debate

político hoje. Isso é um ponto chave para você e um ponto chave para a sua corrente. Vai ver que nem sempre foi assim. Isso é uma coisa bem legal de se fazer e é relativamente fácil em época de internet.

Voltando, você vai congrega com gente que pensa politicamente diferente de você, algumas em questões que você considera até muito execráveis e pode ser porque ele é mais ignorante sobre a fé. Pode ser, porque ele é um cara que não tem um compromisso muito firme com a Bíblia, mas isso geralmente não é, geralmente tudo isso é porque vocês não conversam. São dois surdos gritando um com o outro. Então, faça um esforço.

Você tem que aprender a se tornar irmão dessa pessoa, mesmo que vocês nunca mudem de opinião. Você vai ter que lidar com isso, porque isso é a vontade de Deus, que vocês convivam na igreja como irmãos. Se fosse pra ser diferente, ia estar bem claro na Escritura que não era pra ser desse jeito. Comece a limpar a sua convicção política religiosa, comece a tirar dela tudo que não for verdade. Como vai fazer isso?

Lembra que eu falei da mansidão, do fígado e do cérebro? Comece a tirar toda manifestação que seja odiosa ou provocativa. Como é que isso funciona? Comece do simples. Tiago fala para a gente cuidar da língua, que quem cuida da língua é perfeito, né? Comece não xingando o outro lado. Se você já faz isso, está na hora de parar. Pare de chamar o esquerdista de esquerdopata, o direitista de fascista. Esquerdopata é porque é doente da esquerda. Chamar de esquerdista, eu acho que pode, mas esquerdopata não, né? Começa tirando isso.

Para de chamar o político que você não gosta de um apelido jocoso. Isso é pecado? Não sei, talvez não seja, mas a questão é o seu coração. Eu não tô preocupado se isso é pecado ou não. A questão é que você não está acrescentando nada para a verdade. Você só tá querendo provocar.

Não chame o presidente por apelido. Chame pelo nome dele. Não chama o rival por apelido. Chame pelo nome dele; você não vai perder nada na comunicação. Não é contra o humor político, eu acho legítimo, mas, se você tem pecado nessa área, evite sentar-se na roda. Cuida e segura a sua língua aí! Pode até fazer críticas vorazes, mas não precisa desse recurso. Mesma coisa sobre o outro, sobre o outro lado, começa por aí, cuida da sua língua.

Outra coisa: entenda que nossas convicções ideológicas, elas passam por sentimentos religiosos, e isso geralmente é usado como a demonstração de como todas as ideologias são falsas, porque elas são religiões rivais. Existe falsidade em todas as ideologias, porque elas são meio que religi-

ões rivais, e Cristo desmantelou o zelote e o publicano na mesma mesa, Koyses diz que as ideologias são formas seculares de religiosidade. Já Langston diz, na sua sistemática, que toda religião tem algo de verdade.

RB I Olha, ousado!

CM I Ele tem uma interpretação, eu explicaria de outra maneira, mas eu acho que ele está com razão, que as religiões refletem aspectos da espiritualidade humana, mas isso não é uma busca verdadeira. Veja que coisa louca: se todas as religiões têm alguma coisa de verdade, as religiões seculares também.

O que há de verdade no outro lado? E eu nem quero dizer no que há de verdade nas doutrinas políticas do outro lado. Eu não quero falar da direita porque o outro lado da esquerda tem alguma coisa de doutrina verdadeira ou você da esquerda porque o outro lado da direita tem alguma doutrina verdadeira, não!

Eu quero que você pense na pessoa. Todo o ódio é fruto de um medo. C.S Lewis fala que: “quanto mais alguém tem medo, mas irá odiar”. Todo ódio é fruto de um medo, toda fobia é fobia, é medo antes de ser ódio. Então, o debate acalorado está sustentado em medos, e há medos legítimos.

Suspenda um pouco suas convicções sobre as doutrinas e tente compreender quais são os medos. Por que essa pessoa pensa desse jeito? Ela tem medo de quê? Pode ser um medo legítimo ou pode ser uma pessoa legitimamente enganada. O medo pode ser falso, mas o sentimento é legítimo.

Uma criança pode ter o medo ilegítimo do bicho papão porque ele não existe, mas o sentimento é legítimo. Disseram para ela que é legítimo. Você quer que ela faça o quê? Então, vá por esse caminho e coloque-se a orar por isso. Eu não fiz ainda, mas gostaria muito de me sentar com um irmão que pensa politicamente diferente de mim. Deixá-lo dizer e perguntar do que ele tem medo, se aquilo que ele tem medo acontecer o que afetaria ele. Quando ele se abrir, direi: “Vou orar por isso, vamos abaixar a cabeça e orar. Senhor, que isso aqui não aconteça”. Porque, na verdade, a história não tá na nossa mão, cara, não tá na nossa mão!

Tem um monte de coisa aí que eu sei que não vai acontecer, mas o cara

acha que vai acontecer. Ele acha que vai acontecer diante de Deus, e eu acho que não vai acontecer diante de Deus. Então, deixa eu colocar diante de Deus: “Senhor, se isso daqui que ele teme acontecer de fato vai ser bem ruim, eu não temo medo disso porque acho que, de fato, não vai acontecer de jeito nenhum, mas ele tem medo, e eu também não quero que aconteça, então não deixa acontecer não”. Isso vai ser uma coisa legal de você caminhar e, se necessário for, não fale de política, entendeu? Não fale.

RB | Se der, né?

CM | Muitas relações estão estremecidas por causa da política. Sabe o que acontece, Bibó, a gente está no reino da opinião, cara, estamos no reino da opinião.

RB | Eu vou usar a palavra tirania, tirania da opinião.

CM | Mas, olha só, a gente está em uma época, que é o seguinte, a gente falou disso lá no Comunhão Digital¹.

RB | Muito bom esse podcast!

CM | Eu me sentava à mesa com gente de opiniões que hoje eu considero

¹ Comunhão Digital- BTCast 407: Rodrigo Bibó conversa com o pastor e amigo Cacau Marques sobre comunhão digital. Como a presença digital afetou nossos relacionamentos? Podemos ser igreja on-line? Quais perigos e oportunidades das comunidades virtuais?

execráveis. Eu já sabia que as opiniões eram essas, eu já considerava execráveis naquela época, eu não considerava a pessoa execrável. Hoje, eu considero a pessoa execrável, por quê? Porque hoje eu lido com um monte de gente que não tem corpo, um monte de gente que é só opinião. O nosso relacionamento, você é um cara que eu conheço pessoalmente, a gente tem um relacionamento para além das opiniões, mas, em grande medida, o que eu sei de você é opinião.

Se eu colocar as coisas que eu sei sobre o Bibó, uma lista de tudo o que eu sei, vão ter histórias suas que você já me contou, um pouco de histórias nossas que nós vivemos juntos, de relações pessoais, certo? A primeira coisa que choca quando você conhece alguém que só conhece pela internet é a altura. Você nunca sabe exatamente se a pessoa é alta ou baixa. Sua altura, eu sei, e posso dizer sobre isso, mas, cara, a metade da lista vai ser sobre as opiniões que você tem. Se eu fizer essa mesma lista sobre a minha mãe, que já faleceu, – para pegar alguém com quem me relacionei pouco na internet e me relacionei mais nas outras coisas – um décimo da lista será apenas opinião.

As opiniões hoje compõem o caráter da pessoa muito mais do que o resto. O que acontece? As pessoas que eu conheço pessoalmente de época pré-internet, os aspectos não opinativos delas têm um papel menor em quem eles são hoje para mim. Por isso que eu amava aquela pessoa, e as opiniões dela hoje me doem de uma maneira que eu não consigo partilhar vida com ela, porque eu me acostumei a fazer uma razão de opinião. A opinião fala mais para mim o que as pessoas são do que falava antes.

RB | Olha, cara...

CM | Às vezes, gente, você precisa se lembrar quem é o seu tio. O seu tio não é o cara que vota no Bolsonaro ou no Lula. O seu tio é o cara que te pegou no colo, emprestou dinheiro para o seu pai quando sua mãe teve uma gravidez indesejada. O seu tio é esse cara. Ele não deixou de ser esse cara. Que você passava férias na casa dele, sei lá alguma coisa assim, entendeu? Todas essas histórias, elas não devem ser menores do que opinião. Opinião, a gente lamenta, a gente discute também, mas não pode quebrar o nosso vínculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

— **CACAU MARQUES:** Aí, cai a mesma coisa na teologia. Por que a gente rompe o vínculo da teologia? Porque a gente aprendeu a julgar igreja pela doutrina. Igreja é muito mais do que doutrina, porque hoje as pessoas estão desesperadas por uma igreja, mandam mensagens pro Bibó: “Bibó, tem uma igreja sua aqui na minha cidade?” O que você conhece da igreja do Bibó?

Você conhece o que você vê na internet. Você conhece qual é a doutrina dela, porque isso pode ser transmitido pela internet, conhece alguma coisa de obra social, porque alguém lá do marketing da igreja botou isso na internet. Você não sabe um monte de outras coisas que acontece lá.

O Bonhoeffer fala que toda comunhão que nós temos na igreja é uma dádiva de Deus e que nós não podemos reclamar da comunhão. A gente deve dar graças a Deus porque mesmo as comunhões fracas e falhas só existem porque Deus deu e que o pastor não deve ser um pastor que critica sua igreja. Olha o que Bonhoeffer diz: “O pastor não deve ser um pastor que fica acusando sua igreja de alguma coisa para os outros, porque pra isso já existe o diabo”.

— **RODRIGO BIBO:** Certeiro!

CM | Então, olha só, claro que há *deal breakers*¹ (motivos para rompimento) na

¹Deal Break: É aquilo que faz com que eu rompa um acordo. Aquilo que passa dos limites aceitáveis e

igreja. Claro que há aspectos que não te fazem permanecer mais lá, mas, hoje, a gente muda rápido de igreja por causa de doutrina. Você esquece que aquela igreja te ganhou para Jesus, aquela igreja na qual você foi discipulado.

Eu tava vendo a sua live de ontem, e você estava contando a história e dizendo: “Eu não me arrependo de nada que eu vivi no mundo pentecostal”. Eu achei tão bonito você falar isso. É claro que o arrependimento é uma virtude, mas, naquele aspecto, faz todo sentido. É maravilhoso esse caminho que eu tive lá e, hoje, não concordo com algumas coisas, mas eles têm direito de serem dessa forma e é isso!

Às vezes, a igreja que a gente tem é a que a gente tem e acabou, entendeu? E você vai abrir mão disso? Então, pensa um pouco como opinião vale muito, doutrina vale muito, aspectos imateriais da igreja valem muito, temos acesso a elas na internet.

Você queria ser ovelha da igreja do Ed. René ou você queria ser ovelha do Yago, né? Você não vai poder ser ovelha da igreja deles, e você não vai poder ser ovelha de uma igreja como a deles, porque não vai ter ela na sua localidade e acabou. Vai ter que frequentar e viver na igreja que você tá, mas e agora? Agora eu vou ser crente aqui, esse pessoal é tudo família. O pessoal da igreja do Ed é minha família, e o pessoal da igreja do Yago também. Vou aprender a viver e me desenvolver, porque família é assim.

Eu não quero ter primo que faz piada besta, mas ele é o primo que eu tenho, eu não tenho outro, a minha família é essa, então acabou, então eu vou conviver sendo família, é um compromisso que eu tenho.

RB | É aquela, quem chama Deus de pai não escolhe irmão.

CM | Às vezes, diminuir um pouco as pedras de tropeços da comunhão, diminuir um pouco o valor da opinião, diminuir um pouco o valor da informação e levantar um pouco do valor da convivência do partilhar, do sentar-se à mesma mesa.

que justificam uma quebra de relação.

Nesse ambiente, o debate teológico funciona que é uma maravilha, mesmo radicalmente oposto, mas, quando você está conversando com alguém que conhece bem, funciona que é uma maravilha. Quando você não conhece, até jogar bola junto dá problema, entendeu? Eu não preciso entrar em debate. Qualquer disputinha mínima já dá treta, então é isso, falei demais, mas é isso.

RB | Falou demais, mas falou bonito, e, Cacau, obrigado mano.

APÊNDICE: MEDITAÇÃO SOBRE O IRMÃO DESCONHECIDO

CACAU MARQUES

Aos seres humanos em pecado, Deus se revela como um necessitado. À mulher do poço, que enche seu cântaro de água, ele vem como um sedento. Ao rico Zaqueu, oferece-se para ser alimentado. Ao mancebo cheio de justiça própria, ele se põe como indigno do título de “bom mestre”.

Aos cheios de certezas em seu conhecimento e sabedoria, Deus chega com perguntas. Foi assim com Jó, depois de seu simpósio sapiencial com os amigos. Foi assim também com a humanidade, que ainda digeriria seu banquete de conhecimento do bem e do mal. É curioso que o Deus onisciente se aproxime das primeiras gerações de humanos com perguntas e não com certezas. Desafia, assim, toda a soberba de quem quer tomar o trono divino pelo próprio conhecimento.

As perguntas de Deus não são para que ele esteja informado nem fruto de sua curiosidade. Eu também não diria que são questões retóricas, ao estilo provocativo socrático. As perguntas de Deus são uma forma de mover nosso coração a nos preocuparmos com aquilo que ele considera prioritário. São as perguntas certas que devemos sempre fazer a nós mesmos neste mundo caído.

A primeira pergunta de Deus à humanidade pecadora é “Onde está você?” (Gênesis 3.9). É claro que ele sabe onde estamos, assim como sabia que homem e mulher estavam escondidos de sua presença entre as árvores do jardim, assim como Jonas não poderia nunca escapar dos olhares do Senhor, mesmo viajando para o distante porto de Târsis. O salmista resumiu essa incapacidade humana de esconder-se de Deus:

“Se eu subir aos céus, lá estás; se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás. Se eu subir com as asas da alvorada e morar na extremidade do mar, mesmo ali a tua mão direita me guiará e me susterá.” (Salmos 139.8-10)

Então não há nenhum sentido em pensarmos que Deus precisava ser informado da localização de Adão. Suas intenções são outras. “Onde você está?” não expressa o desconhecimento sobre nossa situação, mas o desejo de que nos revelemos diante dele. É um convite à autenticidade. É claro que Deus sabia do pecado do primeiro casal. É claro que ele sabia onde estavam e que ele não estava feliz com a decisão que tomaram. Mas, a voz “onde você está?” continua sendo um convite para que nos apresentemos diante dele sem medo e sem a vergonha da nossa própria nudez. Toda nossa reconciliação começa com Deus nos perguntando “onde você está?”

Devemos insistentemente nos fazer essa pergunta. Onde eu estou? O que estou escondendo? Como não estou sendo autêntico diante de Deus? Que folhas de árvores eu tento, inutilmente, vestir para encobrir minha vergonha? Por que eu não me lanço ao olhar do Deus que me criou?

“Onde está você?” é um desafio à hipocrisia. Pede uma investigação profunda de nossa posição no mundo em relação àquele que é a origem e sentido dele. Não podemos continuar vestidos com nossas ridículas fantasias de santarrões, evitando encarnarmos a nós mesmos e clamarmos pelo socorro de Deus. Ele já nos vê, já nos conhece e já sabe de tudo. Ainda assim, hoje, pergunta: “Onde está você?”

A segunda pergunta de Deus para a humanidade é semelhante à primeira. “Onde está o seu irmão?” (Gn.4.9). Assim Caim é inquirido, logo após cometer assassinato contra Abel. Mais uma vez, não devemos, nem por um segundo, imaginar que Deus não soubesse o que tinha se passado entre os dois. A pergunta é como uma semente plantada nas nossas consciências daquele dia até hoje.

“Onde está o seu irmão?” é uma pergunta que nunca mais poderia ser respondida por Caim. Abel havia sido varrido da terra dos viventes. Não estava mais em nenhum lugar. Seu corpo, talvez, ainda pudesse ser encontrado, mas ele não era mais aquele corpo. Porque “Onde está o seu irmão?” não é uma pergunta sobre paradeiro de corpos, mas sobre identidade. Ela pressupunha o dever de Caim de saber sobre seu irmão, de ter conhecimento dele. Por isso, na ausência do irmão, o assassino devolve outra pergunta, não começando com “onde está...”, mas com “Sou eu...”. Na inexistência do irmão, Caim não podia mais saber quem era.

“Sou eu responsável pelo meu irmão?”. É claro que ele é responsável pelo irmão. É claro que somos responsáveis uns pelos outros. Mas, quando pensamos que podemos ser qualquer coisa sem o outro, tornamo-nos assassinos. Pensamos que nossa existência é sustentada em nós mesmos. Pensamos que somos Deus. À pergunta “sou eu responsável pelo meu irmão?”, Deus, talvez, responderia: “Não mais”. Caim escolheu o caminho da eliminação do outro, que é o mesmo caminho que nos leva à solidão e à perda da identidade.

Martin Luther King Jr. disse: “A pergunta mais urgente e persistente da vida é: ‘o que você tem feito pelos outros?’”. O grande doutor só repetia a pergunta de Deus para Caim e para todos nós: “Onde está o seu irmão?”. Quando chegamos diante de

Deus com adoração, cânticos e ofertas aos domingos, ele nos pergunta: “Onde está o seu irmão?”. Quando nos esforçamos com o texto bíblico para produzirmos a mais verdadeira e profunda teologia, ele nos pergunta: “Onde está o seu irmão?”. Quando nos degladiamos em debates uns contra os outros por causa das conjunturas políticas e sociais, ele nos chama de lado e diz: “Onde está o seu irmão?”. Essa é a urgente e persistente pergunta de Deus para nós.

Talvez saibamos onde está o nosso irmão, mas não sabemos o suficiente. Sabemos que nosso irmão está à nossa direita ou esquerda do espectro político, mas não sabemos onde está seu coração. Está ele na tranquilidade da satisfação emocional ou navega pelas turbulentas correntes da insegurança? Sabemos que nosso irmão está no país inimigo da guerra, mas não sabemos onde está a sua mente. Estaria ela en-trincheirada nas valas do nacionalismo raivoso ou vagando pelo medo de perder seus entes queridos? Sabemos que nosso irmão está na religião do lado, mas não sabemos onde está a sua fé. Está ela depositada sobre a rigidez da superioridade moral e do exclusivismo religioso ou está lançada ao deserto da dúvida?

“Onde está o seu irmão?” é um convite para que nos aprofundemos no conhecimento do outro. Porque o nosso irmão é, em grande medida, um desconhecido, e isso influencia a nossa relação com o próprio Deus; o apóstolo amado disse: “Quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1 João 4:20). Quero propor uma segunda leitura desse texto. E se ele não nos desafiasse apenas a amar o irmão que vemos, mas a amarmos o que vemos do irmão? Se não podemos amar o que vemos do nosso irmão, como poderemos amar o que não vemos? Assim, ver mais do nosso irmão desconhecido nos leva a amá-lo mais. Amá-lo mais nos leva a amar mais a Deus, a quem ninguém jamais viu, mas que permanece em nós quando amamos uns aos outros (1 João 4.12).

Hoje, eu quero fazer essas duas perguntas a mim mesmo: “Onde eu estou?” e “Onde está o meu irmão?”. Que elas me conduzam ao conhecimento mais profundo de mim e do próximo e ao aperfeiçoamento do amor de Deus em nós.

APÊNDICE II

A VERDADE COMO CAMINHO: UM RESUMO DO CONCEITO DE ORTOPODIA SEGUNDO O TEÓLOGO ENIO MULLER.¹

De acordo com Mueller a partir do Novo Testamento a verdade deixa de ser predominantemente uma questão de conhecimento e se torna uma questão de modo de existência, um jeito de viver. E é aí que o Novo Testamento concentra a pergunta pela verdade. Isso é bem colocado em João 7.17: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina”. Fazer a vontade de Deus, aqui, não significa tanto fazer coisas, mas viver de um determinado jeito. Segundo Mueller, a dimensão cognitiva incorpora aspectos como a motivação, o esforço e o recurso a estratégias de autorregulação da aprendizagem e ela está ligada à dimensão existencial, portanto a verdade se materializa em seus atos.

Partindo para Gálatas 2.11-21 chegamos no famoso encontro de Pedro e Paulo em Antioquia, e da discussão pública entre os dois. Segundo Paulo, quando ele chegou a Antioquia ficou sabendo que Pedro, antes da chegada de alguns irmãos da parte de Tiago, comia com os cristãos gentios, e que com a chegada deste grupo passou a se isolar, como eles, não mais tendo comunhão de mesa com os cristãos não-judeus. Para Pedro, aparentemente, isso nada tinha a ver com a verdade do Evangelho. Já para Paulo o comportamento de Pedro era de um hipócrita, fingido, um discípulo da “Falsiane”.

Ainda segundo Paulo, quando viu isso ele percebeu que seus companheiros “não caminhavam retamente segundo à verdade do evangelho” (2.14), e assim ele se viu compelido a repreender Pedro na frente de todos. E a verdade do evangelho é um caminho andado dentro de uma relação com o mesmo, por um lado, e por outro lado é o rumo, a meta deste caminho.

Significativo para o esclarecimento desta metáfora neste texto é o verbo usado por Paulo: *orthopodéo*, que significa literalmente “andar retamente”. Isto tem implicações teológicas de grande relevância para os nossos dias. Em termos clássicos, a teologia

¹ Esse texto resume um capítulo do livro Teologia Cristã em poucas palavras editado pela EST e Teológica.

tem definido sua verdade como “ortodoxia” a doutrina correta. Na América Latina em anos recentes se falou, em contraste com isso, em “ortopraxia” como critério de verdade; quer dizer, não o que se pensa (a doutrina) é a verdade, mas o que se faz (a prática). Tanto uma como a outra têm, direta ou indiretamente, apoio na Bíblia. Paulo introduz aqui uma terceira opção: “ortopodia” - não tanto o que se pensa, nem mesmo o que se faz, mas o jeito que se anda é que define a verdade. Esta é a única **“orto-alguma-coisa”** que o Novo Testamento parece conhecer, ao menos em relação explícita com a verdade. Tanto o que entendemos como “ortodoxia” como o que entendemos como “ortopraxia” são conceitos cunhados na história do cristianismo e da teologia. E provavelmente ambos têm seu lugar próprio, não há porque dizer que não. Mas nesse caso, seu norte e princípio definidor terá que ser sempre a “ortopodia” do evangelho. Doutrina e prática têm sua verdade definida por sua relação com “o caminho”.

Como definir melhor esta ortopodia? Em primeiro lugar, me parece fundamental o fato de, na dimensão cognitiva, ela se encontrar no nível das metáforas fundantes do pensamento e da prática, e não ao nível de um ou outro destes. Esta percepção tem grande importância para as nossas teologias e o nosso fazer teológico, além de, é claro, deslocar a própria noção de verdade e de sua apreensão. Talvez, de todas as questões normalmente tratadas na “teologia fundamental”, ou nas questões introdutórias a uma teologia sistemática, esta seja hoje a mais importante e de maior gravidade.

Veja bem, não estou falando de não discordamos de quem nega princípios e fundamentos da fé cristã, por exemplo “A Trindade” ou a “Ressureição”, como foi dito no BTCast 428, as diversidades ilegítimas.

Enio Mueller diz que a verdade é, uma vez, algo que está adiante de nós; e, outra vez, o caminho que leva para lá, bem como a relação que nos define neste caminho. Saímos, então, de concepções estáticas para uma concepção dinâmica da verdade. Verdade é mais processo que ponto de partida ou resultado, pelo menos do ponto de vista do ser humano envolvido em sua apreensão.

Não há de ser por acaso que os primeiros cristãos eram conhecidos como “os do caminho” (Atos 9.2), e que o próprio evangelho era chamado por eles simplesmente de “o caminho” (Atos 19.9,23; 24.22).

O próprio Jesus disse: “Eu sou o caminho” (João 14.6). Este texto joanino é de especial importância por relacionar diretamente a metáfora do caminho com a verdade. Logo a seguir, Jesus diz também: “Eu sou a verdade”. E a terceira definição que segue é: “Eu sou a vida”. Compreendendo-se isto a partir da estrutura de paralelismo própria do pensamento hebraico, estes três termos devem ser vistos um à luz do outro, remetendo todos à mesma realidade. A verdade, então, é o caminho. A verdade é a vida. Se pensarmos em termos de paralelismo, “vida” aqui é o caminho que é a verdade. A verdade se encontra no processo de vida entendido como caminho. Creio que, em termos conceituais, o que mais se aproxima disso no Novo Testamento é o conceito de “discipulado”. A verdade é o processo do discipulado, iniciado por Jesus, mediado

continuamente por ele e conduzindo a ele. E quero parar por aqui para não incorrer no risco acima advertido de, imperceptivelmente, tornar tudo novamente uma questão de conceitos ou de práticas. A verdade só se faz e só se deixa apreender no próprio caminho, não em conceitos sobre o mesmo e nem em práticas que supostamente devem mostrar que estamos no caminho. É a mudança de metáfora que importa aqui. PAUL TILLICH expressou muito bem esta noção de verdade como caminhar, em uma prédica em que a certa altura ele diz o seguinte:

“Cara comunidade! Não esqueçamos jamais, nem para nós, nem para os outros a quem queremos ajudar a chegar à verdade. Se a verdade fosse uma doutrina, teriam razão os zombadores que dizem: o que é a verdade? Pois toda doutrina pode ser contradita, e o será. 1 Todas têm seu tempo, e então passarão. Outras virão em lugar delas. Quem busca a verdade em uma doutrina, ainda não se elevou realmente por sobre aquilo que é transitório, ainda não sabe do que é eterno. A verdade não é doutrina, mas vida. A verdade não é uma coisa, mas uma pessoa. O Deus vivo e eterno, que zomba de toda doutrina, ele é a verdade. E quem o tem, tem a verdade, tem uma fonte inesgotável de vida, sempre nova, sempre mais rica. E este movimento eternamente renovado, nunca parado, de pessoa a pessoa, isto é a verdade. E é por isso também que não existem várias verdades, duas ou três ou sete, que se poderia receitar; mas uma única verdade, que se deve viver. E mesmo que pudesses recitar a Bíblia toda, se não tivesses nada desta vida [que é a verdade]; e uma outra pessoa soubesse apenas uma palavra bíblica e a tivesse vivido, ela teria a verdade e tu a mentira. A verdade não se deixa ensinar, não se deixa imprimir, não se deixa ler, porque Deus não se deixa ensinar, nem imprimir e nem ler. A vida é a verdade. A pessoa, o espírito é a verdade, e não uma letra. Deus é a verdade. O que é a verdade?, ressoa a pergunta ansiosa de quem busca. Não determinado conteúdo discursivo, não uma doutrina, mas Deus, o Deus vivo e pessoal, ressoa a resposta.”

De acordo com Karl Barth em sua obra *“Church Dogmatics”*, estamos a caminho e isso certamente indica o limite, mas também indica a possibilidade positiva de nosso conhecimento. Na melhor das hipóteses, nossa teologia é uma *theologia viatorum*, uma teologia peregrina, viajante. Esse conceito foi usado por teólogos antigos para designar a distinção entre nosso atual conhecimento temporal do nosso futuro e eterno conhecimento de Deus, a distinção entre fé e visão.

Necessariamente, é onde todos nós estamos. Toda teologia é *theologia viatorum*. Ela nunca pode satisfazer a aspiração natural do pensamento e da expressão humana

por completude e compacidade. São pensamentos e expressões quebrados na medida em que só podem avançar em pensamentos e declarações isoladas, dirigidos de diferentes ângulos para um único objeto.

Parece que a igreja avança em suas habilidades, em seus méritos, em suas mega-estruturas de encontros, porém não sabe lidar com as diversidades, não avança nas relações e vínculos. A verdade se revela no convívio harmônico das diferenças, é preciso nos esforçarmos pela unidade.